

# Coro

## Casa da Música

**Nils Schweckendiek** direção musical

**17 nov 2024 · 18:00 Sala Suggia**

À VOLTA DO BARROCO  
ANO DE PORTUGAL



casa da música

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



**Duarte Lobo** (c. 1565-1646)

*Audivi vocem de caelo*

**Ângela da Ponte**

*Et in terra pax* (2013)

**Pero de Gamboa** (c. 1563-1638)

*O bone Jesu, illumina oculos meos*

**Carlos Seixas** (1704-1742)

*Sicut cedrus*

**Pedro de Cristo** (c. 1550-1618)

*Hei mihi Domine*

**João Lourenço Rebelo** (1610-1665)

*Lamentações para Quinta-Feira Santa (Quomodo sedet sola)*

**Luís Tinoco**

*Descubro a voz* (2007)

**Diogo Dias Melgás** (1638-1700)

*Salve Regina*

**António Chagas Rosa**

“Sibylla Persica”, de *Lumine clarescet* (2015)

**Francisco António de Almeida** (c. 1703-1754)

*O quam suavis*

Textos originais e traduções nas páginas 6 a 10.

Duração aproximada do concerto: 1 hora sem intervalo.

**Duarte Lobo** (c. 1565-1646) é um dos mais sonantes nomes do Renascimento tardio português. Terá nascido em Lisboa, mas cedo ingressou no Colégio de Moços do Coro da Sé de Évora, onde estudou com o grande pedagogo Manuel Mendes. Por volta de 1595 tornou-se mestre capela na Sé de Lisboa, cargo que ocupou até ao fim da sua vida.

Foi, provavelmente, o mais internacional dos compositores lusos do seu tempo, já que viu serem impressos quatro livros de música polifónica da sua autoria na Oficina Plantiniana, em Antuérpia. Entre esses livros, aquele de mais sucesso foi o *Liber Missarum*, ou Livro de Missas, datado de 1621, e onde Duarte Lobo deixou patente a sua forte ligação ao estilo compositivo dos grandes mestres europeus, nomeadamente Francisco Guerrero e Giovanni Pierluigi da Palestrina. É também aí que encontramos uma das mais famosas obras da história da música portuguesa: o motete a seis vozes *Audivi vocem de caelo*, composto para um ofício de defuntos.

A notoriedade desta bela obra não vem de agora. Foi, durante os séculos XVIII e XIX, extremamente popular entre as sociedades corais inglesas e parisienses, nos inícios de um movimento revivalista que na altura se tornava comum um pouco por toda a Europa, e que viria a resultar naquilo a que hoje chamamos *interpretação historicamente informada*, ou simplesmente, *música antiga*.

Em *Audivi vocem de caelo* (“Ouvi uma voz do céu”), Lobo demonstra uma elevada capacidade retórica e preocupação pela inteligibilidade do texto, características comuns aos compositores pós-tridentinos. A primeira parte desenvolve-se em estilo imitativo, com o motivo melódico a ser introduzido pelas vozes mais agudas, numa estrutura contrapontística que mimetiza o movimento descendente das

palavras que nos chegam das alturas. A segunda secção, mais declamada, deixa ainda mais clara esta relação com o divino: ouve-se uma melodia cantada apenas pela voz mais aguda que nos diz “Beati mortui” (“Bem-aventurados os mortos”), antes de o coro todo repetir estas palavras homofonicamente. Tanta doçura e autoridade concentradas em tão poucos compassos.

Sobre **Pero de Gamboa** (c. 1563-1638) quase nada sabemos. As primeiras informações acerca deste compositor colocam-no já como mestre capela da Sé de Braga, cargo que ocupa entre 1585 e, provavelmente, 1594, altura em que se muda para S. Salvador de Bente.

Embora afamado por ser “mestre e compositor de música”, da sua obra restam-nos apenas 16 peças, entre as quais 11 dos mais belos motetes do repertório renascentista português. A obra em audição neste concerto, *O bone Jesu, illumina oculos meos*, é um desses motetes.

“Ó bom Jesus, ilumina os meus olhos”, a frase introdutória, revela o carácter de prece que Gamboa imprime do início ao fim desta obra, e que vai aumentando de veemência sem que nunca o texto deixe de ser perfeitamente claro. De notar os laivos de intensa expressividade que vão povoando uma estrutura imitativa bastante constricta, como se a ânsia pela salvação se revelasse por entre a seriedade e sobriedade devocionais.

Com a próxima obra do programa damos um salto cronológico de mais de um século. O seu compositor, **Carlos Seixas** (1704-1742), nasceu em Coimbra, mas foi em Lisboa que alcançou notoriedade. Foi organista da Sé Patriarcal e da Capela Real, onde privou com Domenico Scarlatti, além de lhe ter sido concedido

o título de Cavaleiro da Ordem de Cristo. Ao contrário do que acontecia com alguns dos seus contemporâneos, manteve sempre um estilo muito próprio, resistindo à linha marcadamente italiana que ia pautando a música portuguesa da época.

Seixas compôs uma vastíssima obra, a maioria dela instrumental. Alguns registos falam-nos de setecentas sonatas para cravo, por exemplo, mas apenas pouco mais de cem sobreviveram ao terrível Terramoto de 1755. Da sua música coral muito pouca resistiu, mas a suficiente para demonstrar a grande flexibilidade de que dispunha e que ia utilizando para preencher as várias funções de compositor litúrgico a que era obrigado.

É exemplo disso mesmo *Sicut cedrus*, um responsório para a Assunção de Nossa Senhora. A peça, dividida em três partes distintas, revela um carácter solístico típico da época. A voz mais aguda acaba por ser o grande motor da primeira secção, introduzindo cada segmento e submetendo as outras vozes a uma forte hierarquia contrapontística. Na segunda parte, esta organização dissolve-se um pouco e assistimos a um estilo mais imitativo. Por fim, o trio da secção seguinte invoca o virtuosismo dos cantores enquanto se entoam as palavras “como a da canela e da cana odorífera”, como se estes aromas nos confundissem e enleassem. A peça termina com a repetição da segunda parte.

Dom **Pedro de Cristo** (c. 1550-1618) é, entre todos os compositores portugueses da sua época, aquele com mais música atribuída — são mais de duzentas obras. É uma figura indissociável do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde sucedeu a D. Francisco de Santa Maria no lugar de mestre de capela. Sabe-se também que passou algum tempo em Lisboa,

no Mosteiro de S. Vicente de Fora, embora a duração e quantidade destas passagens estejam ainda por descobrir. Pedro de Cristo tocava flauta, instrumentos de tecla, baixo e harpa, algo que realça a superior educação musical de que dispunham os monges crúzios, naquele que era um dos maiores pólos culturais do país e da Europa quinhentista.

*Hei mihi Domine*, a obra da sua autoria que escutaremos neste programa, é um responsório a quatro vozes escrito para um ofício de defuntos. Nesta peça, Pedro de Cristo não se afasta do estilo contrito que caracteriza as suas composições para esta fórmula litúrgica, priorizando um estilo imitativo sem prejudicar a inteligibilidade do texto. As primeiras palavras (“Ai de mim, Senhor”) são cantadas sem o baixo, como que demonstrando o desamparo de um pecador, algo que volta a acontecer no verso “Anima mea turbata est valde: sed tu Domine succurre ei” (“A minha alma está muito conturbada, mas socorre-a, Senhor”), contrastando com o “Miserere” que pontua o centro e o fim do responsório, uma secção de maior gravidade e verticalidade.

Da geração imediatamente a seguir a Pedro de Cristo há vários compositores que se destacam. De entre eles, talvez o mais excêntrico seja **João Lourenço Rebelo** (1610-1665). Nasceu em Caminha, viajou ainda menino para Vila Viçosa, onde entrou ao serviço do Duque de Bragança como moço do coro do Palácio Ducal da vila alentejana. Aqui, esteve exposto a alguma da mais intrincada música a ser composta no país, o que viria a manifestar-se no seu estilo compositivo muito *sui generis* e dado à policoralidade.

Lourenço Rebelo foi professor e amigo do filho do duque, que mais tarde se tornaria o rosto da Restauração da Independência:

D. João IV. Esta ligação levá-lo-ia à Capela Real assim que João IV assumiu o trono, proporcionando a Lourenço Rebelo o acesso a uma das mais espantosas bibliotecas musicais da altura. De resto, o rei português possibilitou a impressão de alguma da sua música em Itália, facto que nos permite conhecer a obra que escutaremos hoje: as *Lamentações do Profeta Jeremias para Quinta-feira Santa*.

Tal como outros exemplos da colocação deste poema em música, as *Lamentações* de Lourenço Rebelo conjugam grande imponência com expressões da mais profunda dor e fragilidade. O texto fala-nos da destruição de Jerusalém, vítima da ira de Deus, e do horror vivido por todos quantos os que lá moravam. O original estilo compositivo de Lourenço Rebelo manifesta-se nas constantes mudanças de textura que mimetizam o caos sentido na cidade. Entre cada verso ouvem-se, sucessivamente, *Aleph, Beth, Gimel e Daleth*, as primeiras letras do alfabeto hebraico, um mecanismo que pretende encorajar uma total expressão de dor, organizando o que pretende ser uma espécie de percurso penitencial, em harmonia com o espírito de Semana Santa.

**Diogo Dias Melgás** (1638-1700) foi mais um dos grandes compositores produzidos pela chamada “Escola de Música da Sé de Évora” durante o século XVII e, talvez, o seu último grande representante do estilo polifónico imitativo. Dedicou toda a sua vida à catedral eborense, tendo sido reitor do Colégio de Moços do Coro, mestre da claustra e mestre capela, cargos que acumulou durante vários anos.

Não nos resta muito da sua música, mas o *Salve Regina* que podemos escutar neste concerto é, sem dúvida, uma das mais icónicas obras da polifonia portuguesa. Escrita a quatro vozes, inicia-se com uma estrutura imitativa

em torno de um motivo herdado do cantochão, para logo alterar a estratégia a partir da palavra “Mater”. Segue-se uma série de jogos retóricos, em que cada segmento procura ultrapassar o outro em riqueza imagética. Do “suspiramos” entrecortado por suspiros à doçura maternal de “o dulcis Virgo Maria”, passando pelo choroso “lacrimarum valle” (“vale de lágrimas”), Melgás pinta um autêntico quadro de profunda devoção mariana.

Contrastando com Carlos Seixas, **Francisco António de Almeida** (c. 1703-1754) é, assumidamente, um compositor muitíssimo influenciado pela música transalpina. Fez parte do grupo de músicos que viajaram para Itália durante o século XVIII, como bolseiros do rei D. João V, e é em Roma que publica as suas duas primeiras oratórias. Regressa a Portugal em 1726, quatro anos depois de ter partido, para ser organista da Sé Patriarcal de Lisboa, trazendo consigo um estilo altamente internacional. É dele, por exemplo, a autoria daquela que poderá muito bem ser a primeira ópera composta por um compositor português, *La pazienza di Socrate* (1733).

Tendo caído no esquecimento durante muito tempo, a música de Francisco António de Almeida tem vindo a ser recuperada recentemente, um esforço para o qual a presença de *O quam suavis* neste concerto pretende contribuir. Esta peça é dividida em quatro partes muito diferentes entre si. Na primeira, fica patente o esforço por mimetizar a bondade infinita de Deus através de uma textura bastante densa, com longos e expressivos melismas, como que suspendendo o próprio tempo. O segundo andamento, mais curto, concentra-se apenas nas palavras *pane suavissimo de caelo praestito* (“o pão mais doce, caído do céu”), e transporta-nos para uma atmosfera suave e delicada

em que as influências da música italiana são especialmente notórias. Segue-se um terceiro momento em que são opostas duas ideias principais: por um lado, a exaltação e conforto aos pobres e humildes; por outro, o castigo dos altivos e pretensiosos. Um aleluia bastante efusivo ocupa a totalidade da quarta secção.

LUÍS NEIVA, 2024\*

## Obras contemporâneas

notas dos compositores

### Ângela da Ponte

*Et in terra pax*

Muito diferente da minha abordagem habitual na composição, esta peça resultou de uma exploração em contexto de aula. Entre aulas de Análise e Técnicas de Composição no Conservatório Regional de Música de Vila Real, estava a experimentar e a demonstrar soluções diferentes com algumas técnicas, como imitação e contraponto, características dos séculos XV e XVI. A escolha do texto seguiu também as linhas orientadoras das épocas mencionadas, sendo a sua mensagem uma constante essencial.

### Luís Tinoco

*Descubro a voz,*

sobre poema de José Luís Tinoco

*Descubro a voz*, para coro misto, foi escrito e oferecido ao Orfeão de Leiria em 2007, para comemorar o seu 50.º aniversário.

A minha família tem uma longa relação com a cidade de Leiria, onde os meus avós viveram e trabalharam durante um longo período, estando

intensamente envolvidos na vida artística e cultural do concelho. Ambos eram promotores activos de concertos e salões musicais, e a minha avó — pianista e antiga aluna de Vianna da Motta — muitas vezes contribuiu para esta vida também como intérprete. Foi também esta a cidade onde nasceu o meu pai e, ao procurar um texto para compor a partitura, pareceu-me quase inevitável utilizar um dos seus poemas.

Por diversas razões, a peça não pôde ser estreada nas comemorações do 50.º aniversário, acabando por ter a sua primeira apresentação em 2012, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, pelo Coro Filarmónico da Estónia dirigido por Daniel Reuss.

### António Chagas Rosa

“Sibylla Persica”, de *Lumine clarescet*

A obra [*Lumine clarescet*] foi concebida para 18 vozes solistas, em encomenda do coro de câmara Les Éléments, de Toulouse (2015), para integrar um programa dedicado à polifonia espanhola e portuguesa, antiga e contemporânea. Os textos escolhidos, em latim, fazem parte das profecias da Sibila de Cumes e daqui resultou uma composição em quatro andamentos: “Carmina Chromatico”, “Sibylla Persica”, “Sibylla Libyca” e “Sibylla Cumana”. Uma parte deste antigo reportório foi já utilizado por Orlando (ou Roland) de Lassus no séc. XVI. A natureza hermética e pagã destes textos exerceu sempre grande fascínio, embora o seu conteúdo tenha sido absorvido pela cultura cristã. Os versos convidam o compositor a desenhar quadros sonoros de subteis mutações, na medida em que mencionam o cromatismo, o transcendente, a meditação, a eternidade e a submissão dos homens às leis de Deus.

\* O autor não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

## Duarte Lobo

*Audivi vocem de caelo*

*Audivi vocem de caelo dicentem mihi  
beati mortui qui in Domino moriuntur.*

— Apocalipse 14, 13

*Ouvi então uma voz do céu que dizia:  
Felizes os que morrerem em união com o  
Senhor.*

## Ângela da Ponte

*Et in terra pax*

*Et in terra pax hominibus bonae voluntatis*

— Lucas 2, 14

E paz na terra aos homens de boa vontade.

## Pero de Gamboa

*O bone Jesu, illumina oculos meos*

*O bone Jesu, illumina oculos meos,  
ne unquam obdormiam in morte,  
nequando dicat Inimicus meus:  
prevalui adversus eum.*

— Salmo 13, 4-5

Ó bom Jesus, ilumina os meus olhos,  
para que eu não caia no sono da morte.  
Não deixes que os meus inimigos digam:  
“Conseguimos derrotá-lo”.

## Carlos Seixas

*Sicut cedrus*

*Sicut cedrus exaltata sum in Libano,  
et sicut cypressus in monte Sion:  
quasi myrrha electa, dedi suavitatem odoris,  
et sicut cinnamomum et balsamum  
aromatizans.*

— Ben Sira 24, 13/15

Cresci como um cedro do Líbano,  
como um cipreste no Monte Sião;  
espalhei o odor da mirra escolhida,  
deitei um perfume como o da canela e da  
cana odorífera.

## **Pedro de Cristo**

### *Hei mihi Domine*

*Hei mihi, Domine,  
quia peccavi nimis in vita mea:  
quid faciam miser,  
ubi fugiam, nisi ad te, Deus meus?*

[Responsum]

*Miserere mei,  
dum veneris in novissimo die.*

[Versus]

*Anima mea turbata est valde:  
sed tu Domine succurre ei.*

— Responsório para a 5.<sup>a</sup> lição  
das Matinas dos Defuntos

## **João Lourenço Rebelo**

### *Lamentações para Quinta-Feira Santa*

#### *“Quomodo sedet sola”*

*Incipit Lamentatio  
Jeremiae Prophetae.*

(Aleph)

*Quomodo sedet sola  
civitas plena populo:  
facta est quasi vidua  
domina Gentium:  
princeps provinciarum  
facta est sub tributo.*

(Beth)

*Plorans ploravit in nocte,  
et lacrimae ejus in maxillis ejus:  
non est qui consoletur eam  
ex omnibus caris ejus:  
omnes amici ejus spreverunt eam,  
et facti sunt ei inimici.*

Ai de mim, Senhor,  
porque pequei demasiado na minha vida;  
O que farei, desaventurado?  
Para onde fugirei, senão para ti, meu Deus?

[Responsório]

Tem piedade de mim,  
quando vieres no último dia.

[Versículo]

A minha alma está muito perturbada,  
mas socorre-a, Senhor.

Começam as Lamentações  
do Profeta Jeremias.

(Álefe)

Como ficou solitária esta cidade,  
ela que antes era tão populosa!  
Não é mais que uma viúva  
ela que era poderosa entre as nações;  
dominava as províncias, qual princesa,  
e ficou sujeita ao tributo.

(Bete)

Hoje passa a noite a chorar;  
as suas lágrimas rolam-lhe pela face;  
dentre tantos que a amavam,  
não ficou ninguém para a confortar.  
Os seus amigos atraíram-na  
e fizeram-se seus inimigos.

(Ghimel)

*Migravit Judas propter afflictionem,  
et multitudinem servitutis:  
habitavit inter Gentes, nec invenit  
requiem.*

*Omnes persecutores ejus apprehenderunt  
eam inter angustias.*

(Daleth)

*Viae Sion lugent eo quod non sint  
qui veniant ad solemnitatem:  
omnes portae ejus destructae:  
sacerdotes ejus gementes:  
virgines ejus squalidae,  
et ipsa oppressa amaritudine.*

*Jerusalem, Jerusalem,  
convertere ad Dominum Deum tuum.*

— Lamentações 1, 1-4

(Guimel)

Judá partiu para o exílio,  
na miséria e com o peso da escravidão;  
vive agora com os pagãos sem ter onde  
repousar;  
os que a perseguem apoderaram-se dela,  
apanhando-a num beco sem saída.

(Dálete)

As estradas para Sião estão de luto  
porque ninguém faz mais peregrinações;  
os seus habitantes já não se aglomeram nas  
praças públicas  
e os sacerdotes não param de lamentar-se;  
as moças casadoiras vivem sem esperança,  
toda a cidade está mergulhada na amargura.

Jerusalém, Jerusalém,  
volta para o Senhor teu Deus.

## **Luís Tinoco**

### *Descubro a voz*

*descubro a voz que a medo se insinua  
a perfeição do círculo e o olhar que mede os dias  
acordo o lume que dormia sob as pedras  
tempero o ferro de futuras derrotas*

*entre deuses criaturas sem morte e estranho  
idioma*

*que só eu conheço porque as inventei  
reparto o ouro em que transformei o  
cascalho inicial*

*descubro as nascentes que a medo invadem  
a perfeição dos mares e o fim dos desertos  
onde*

*principiam os jardins suspensos e o  
embaraço*

*dos olhos no rasto de sombra das estrelas*

— José Luís Tinoco

## Diogo Dias Melgás

### *Salve Regina*

*Salve, Regina, mater misericordiae;  
vita, dulcedo et spes nostra, salve.  
Ad te clamamus  
exsules filii Evae.  
Ad te suspiramus gementes et flentes  
in hac lacrimarum valle.  
Eia ergo, advocata nostra,  
illos tuos misericordes oculos ad nos converte.  
Et Jesum, benedictum fructum ventris tui,  
nobis post hoc exsillium ostende.  
O clemens, o pia,  
o dulcis Virgo Maria.*

Salve, Rainha, mãe de misericórdia;  
vida, doçura e esperança nossa, salve.  
Por vós chamamos,  
nós, os filhos proscritos de Eva.  
A vós suspiramos gemendo e chorando  
neste vale de lágrimas.  
Eia, pois, nossa defensora,  
os vossos condoídos olhos volvei para nós.  
E Jesus, bendito fruto do vosso ventre,  
após este desterro nos manifestai.  
Ó clemente, ó piedosa,  
ó doce Virgem Maria.

## António Chagas Rosa

### “Sibylla Persica”, de *Lumine clarescet*

*Virgine matre satus pando residebit assello,  
lucundus princeps unus qui ferre salutem  
Rite queat lapsis; tamen illis forte diebus.  
Multi multa ferent immensi fata laboris  
Solo sed satis est oracula prodere verbo:  
Ille Deus casta nascetur virgine magnus.*

Nascido de uma mãe virgem, sentar-se-á  
num burro inclinado,  
o príncipe gracioso, o único verdadeiramente  
capaz  
de trazer a salvação aos que erram.  
Contudo, nesses dias, provavelmente  
muitos manifestarão muitas profecias de  
sofrimento imenso.  
Mas é suficiente anunciar o oráculo com uma  
única palavra:  
Este grande Deus nascerá de uma virgem  
casta.

## Francisco António de Almeida

### *O quam suavis*

*O quam suavis est, Domine, spiritus tuus!  
qui ut dulcedinem tuam in filios demonstrares,  
pane suavissimo de caelo praestito,  
esurientes reple bonis,  
fastidiosos divites dimittens inanes.  
Alleluia.*

— S. Tomás de Aquino

Como é suave, Senhor, o teu espírito,  
que para revelares a tua doçura a teus filhos,  
com o pão mais doce, caído do céu,  
e coisas boas sacias os famintos,  
deixando os ricos soberbos de mãos vazias.  
Alleluia.

## **Nils Schweckendiek** direção musical

Nils Schweckendiek estudou música no Clare College, em Cambridge, e direção de orquestra e coro em Freiburg e Helsínquia. Tem um forte compromisso com a música contemporânea e dirigiu cerca de uma centena de estreias, incluindo de música para teatro, orquestral, coral e para ensemble. Os seus discos têm sido aclamados pela crítica e já lhe valeram um Grammy Award (melhor desempenho coral com *Reconnaissance* de Kaija Saariaho), três Prémios da Crítica Discográfica Alemã, um Prémio ICMA e um Prémio Emma.

Desde 2007, é o diretor artístico do Coro de Câmara de Helsínquia. Em 2014 foi nomeado professor de Direção Coral na Academia Sibelius da Universidade de Artes de Helsínquia e, a partir de 2017, passou a ser o diretor artístico do Coro do Centro Musical de Helsínquia.

Entre os seus trabalhos recentes incluem-se a direção da Orquestra Filarmónica de Helsínquia, da Orquestra Barroca Finlandesa, do Coro de Solistas Noruegueses, do Coro de Câmara da Irlanda, do Coro Casa da Música e do Coro da Rádio Alemã do Norte. Trabalhou também com o Coro da Rádio Letã, Coro da Rádio Sueca, Coro da Rádio e Televisão Croata, Coro de Câmara RIAS e SWR Vokalensemble, bem como com a maior parte das orquestras finlandesas.

Em 2020, a Sociedade para a Literatura Sueca na Finlândia distinguiu-o com o Prémio Fredrik Pacius pelos serviços prestados à música finlandesa.

## **Coro Casa da Música**

**Paul Hillier** maestro emérito

**Pedro Teixeira** maestro adjunto

Fundado em 2009, o Coro Casa da Música é constituído por uma formação regular de 18 cantores, que se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados. Contou com Paul Hillier como maestro titular, até 2019, e tem sido também dirigido por outros maestros prestigiados no âmbito da música coral, como Martina Batič, Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Sofi Jeannin, Andrew Parrott, Marco Mencoboni, Kaspars Putniņš, Nacho Rodríguez, Gregory Rose, Nils Schweckendiek, Léo Warynski e James Wood, além do seu maestro adjunto Pedro Teixeira. As suas participações em programas corais-sinfónicos levam-no a trabalhar com os maestros Martin André, Stefan Blunier, Douglas Boyd, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Michael Sanderling, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky e Takuo Yuasa, destacando-se ainda os programas de música antiga com especialistas como Laurence Cummings, Paul McCreesh e Hervé Niquet.

As temporadas do Coro revelam um repertório abrangente que se estende dos primórdios da polifonia medieval à nova música. Apresentou em estreia mundial obras de Francesco Filidei, Michael Gordon, Gregory Rose, Manuel Hidalgo, Carlos Caires e ainda uma partitura reencontrada de Lopes-Graça. Fez estreias nacionais de obras contemporâneas de Birtwistle, Manoury, Dillon, Haas ou Rihm, e tem interpretado outras figuras-chave dos séculos XX e XXI, como Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina, Ligeti, Distler, Kagel ou Cage.

A música portuguesa tem sido um dos focos de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça ou a obras corais-sinfónicas como o *Requiem à memória de Camões* de João Domingos Bomtempo e o *Te Deum* de António Teixeira — a que se junta, em 2024, o *Libera me* de Bomtempo. O seu primeiro disco, dedicado a Fernando Lopes-Graça, foi editado pela Naxos em junho de 2024.

As colaborações com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música têm permitido ao Coro a interpretação de obras como: *Vésperas* de Monteverdi, *Te Deum* de Charpentier, *Missa em Si menor*, *Oratória de Natal e Magnificat* de Bach, *Messias* de Händel, *Gloria* de Vivaldi, *As Estações* e *A Criação* de Haydn, *Requiem e Missa em Dó menor* de Mozart, *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Sinfonia Coral e Missa Solemnis* de Beethoven, *Requiem Alemão* de Brahms, *Requiem* de Verdi, *Credo* de Arvo Pärt, *Das klagende Lied* de Mahler, *Carmina Burana* de Orff e *Elektra* de Richard Strauss.

Na temporada de 2024, o Coro estreou uma nova obra para coro e orquestra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner. Apresenta também obras de António Pinho Vargas, Sérgio Azevedo e Vasco Negreiros, num ano dedicado a Portugal que justifica regressos à música coral de Lopes-Graça e à polifonia renascentista.

As digressões do Coro Casa da Música já o levaram ao Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e ao Auditório Nacional de Madrid, ao Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, ao Festival Handel de Londres, ao Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, ao Festival Tenso Days em Marselha, aos Concertos de Natal de Ourense e a várias salas portuguesas.

### **Sopranos**

Joana Pereira  
Leonor Barbosa de Melo  
Raquel Mendes  
Raquel Pedra  
Rita Venda

### **Contraltos**

Joana Guimarães  
Joana Valente  
Maria Bustorff Amaral  
Maria João Gomes

### **Tenores**

André Lacerda  
Bernardo Pinhal  
Carlos Monteiro  
Fernando Guimarães

### **Baixos**

Francisco Reis  
Nuno Mendes  
Pedro Guedes Marques  
Pedro Lopes  
Ricardo Torres

### **Órgão positivo/Cravo**

Isabel Calado

### **Violoncelo**

Diana Vinagre

### **Maestro adjunto**

Pedro Teixeira

## **Operação Técnica**

### **Iluminação**

Bruno Mendes

### **Palco**

Ernesto Pinto da Costa

## Próximos concertos

17.11 DOM 21:30 SALA 2

### **Bernard Butler**

promotor: Pinut's

18.11 SEG 21:30 SALA SUGGIA

### **Richard Bona**

promotor: Incubadora d'Artes

20.11 QUA 21:00 SALA 2

### **Karl Seglem**

promotor: Misty Fest

21.11 QUI 21:30 SALA 2

### **Virgem Suta**

promotor: Bairro da Música

21.11 QUI 21:30 CAFÉ

### **Éme**

22.11 SEX 21:00 SALA SUGGIA

### **Montanha russa**

**Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Stefan Blunier** direção musical

**João Xavier** piano

obras de **Dmitri Chostakovitch, Sergei Prokofieff e Piotr Ilitch Tchaikovski**

23.11 SÁB 18:00 SALA SUGGIA

### **Olga Kern**

ciclo piano

obras de **Ludwig van Beethoven, Robert Schumann, George Gershwin,**

**Sergei Rachmaninoff, Modest Mussorgski e Mili Balakirev**

24.11 DOM 10:00, 11:30 E 16:00 SALA 2

### **Viva Vivaldi!**

serviço educativo | primeiros concertos

**Sofia Nereida** conceção artística, música e interpretação

**Flávio Aldo e Joana Pereira** interpretação

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

